

MULHERES DA BORRACHA: O NÚCLEO DO PORANGABUSSU A PARTIR DE SUAS MORADORAS

SARAH CAMPELO CRUZ GOIS*

O SEMTA e a Migração

“Fumar e chorar eram os meus únicos confortos desde que você foi embora”¹. Era assim que D. Elcídia Galvão se queixava em carta escrita ao marido, soldado da borracha, sobre a proibição de fumar imposta no Núcleo de Famílias do Porangabussu. Os milhares de trabalhadores nordestinos recrutados para trabalhar na região amazônica na extração da borracha, em 1943, assinaram um contrato de encaminhamento. Neste, eles poderiam optar pela assistência que o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia, SEMTA, oferecia para suas famílias que ficavam no nordeste. Muitas mulheres e filhos desses trabalhadores permaneceram em hospedarias improvisadas, chamadas de “Núcleos” esperando o momento em que iriam novamente reunir suas famílias, como foi o caso do Núcleo de Famílias do Porangabussu. Longe dos maridos, entre pessoas estranhas e tendo que seguir normas específicas, estas mulheres escreveram cartas a seus esposos. Cartas contando sobre angústias sofridas, revelando saudades e desejos, pressionando o retorno dos seus maridos e com várias queixas, como é o caso da carta de D. Elcídia, a qual denuncia a proibição de fumo dentro do núcleo, feita pelo médico responsável e a perda de um de seus únicos consolos.

As migrações misturam mundos, geram embates e mudanças nas relações humanas. Com base nesse raciocínio, o presente artigo buscará discutir, além do movimento migratório entre o Ceará e o Norte durante o segundo fluxo da Borracha, na

* Graduada em História pela UFC. Mestranda pelo Programa de pós graduação em História Social UFC. Bolsista CNPq

¹ Carta pertencente ao acervo de Jean Pierre Chabloz - Museu de Artes UFC

década de 1940, as relações estabelecidas no núcleo de Famílias dos trabalhadores recrutados no Ceará, localizado no no bairro do Porangabussu, em Fortaleza.

O Núcleo de Famílias do Porangabussu se constitui em 1943, ano da Consolidação das Leis Trabalhistas e do início das atividades do SEMTA - Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia, órgão brasileiro criado como parte dos Acordos de Washington, o qual tinha como finalidade principal o alistamento, treinamento e transporte de nordestinos para a extração da borracha na Amazônia, com o intuito de fornecer matéria-prima para os aliados da II Guerra Mundial.

A década de 1940 representa um período complexo para a história do Brasil. O Estado Novo foi um marco na criação de um projeto nacional de industrialização e desenvolvimento. Em seus discursos, a política deste período planejava a colonização do Vale da Amazônia e o incentivo à produção agrícola. Desta forma deve-se perceber como o movimento migratório se constitui; como o Estado produz as condições para o deslocamento de indivíduos, buscando a colonização interna do país; e como os próprios indivíduos se produzem enquanto agentes que buscam o deslocamento.

Segundo o historiador Frederico de Castro Neves, tudo parece crer que a política de migração para o Norte foi uma estratégia governamental para desafogar os equipamentos urbanos da enorme pressão exercida pelos milhares de retirantes sem teto, sem alimento, sem saúde. Nesse aspecto, a migração se mostrava como uma forma de apaziguar os problemas causados pela seca no Nordeste, além de se constituir como outra forma de exploração da mão-de-obra retirante.

Com o objetivo de coordenar a economia de guerra, Vargas cria, em 1942, a CME (Comissão de Mobilização Econômica), que buscava abarcar grande parte da vida econômica do país. A abrangência administrativa da CME era bastante ampla, segundo Morales:

Além de financiar agricultura, mineração e manufatura, controlar as importações e exportações, coordenar os transportes, estimular a pesquisa e fiscalizar o racionamento de combustíveis, esse órgão também entevia diretamente no mercado de trabalho, fazendo ingerências sobre a contratação de mão-de-obra. (MORALES, 2002. p. 125)

Dessa forma, para recrutar mão-de-obra e transportá-la para os seringais, a CME institui o SEMTA. Ele não estava ligado diretamente nem ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio nem ao Ministério da Agricultura, funcionou durante 12 meses, dirigido por Paulo Assis Ribeiro, engenheiro e geógrafo, e em 14 de setembro de 1943 foi substituído pelo CAETA (Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia). Experiências de migração entre o Nordeste e Norte podem ser bastante observadas mesmo antes da Segunda Guerra Mundial. Porém, o SEMTA era um serviço especial sob o formato administrativo do Estado Novo e inaugura um novo discurso de migração, a *mobilização* dos trabalhadores para outro front da guerra, os seringais.

A construção de *pousos* era de responsabilidade do Departamento de Engenharia do SEMTA. De acordo com (MORALES, 2002, p. 213), os pousos do SEMTA faziam parte dos planos de retraçar a cartografia do país remanejando sua população e povoando os espaços considerados vazios, entre eles e a Amazônia. Além dos pousos havia também os chamados *núcleos*, neles as famílias dos recrutados seriam alojadas aguardando o momento de também serem transferidas para a Amazônia.

O núcleo de famílias do Porangabussu esteve de fevereiro a julho de 1943, sobre a supervisão de Regina Chabloz, esposa de Jean Pierre Chabloz, pintor suíço contratado pelo SEMTA, responsável pela divisão de propaganda da migração para a Amazônia e da Borracha para a Vitória. Chabloz foi convidado por um agente americano para trabalhar em um dos serviços ligados às atividades de guerra no Brasil. Ele aceitou com a condição de que sua esposa o acompanhasse. Dessa forma, o casal desembarcou em Fortaleza em janeiro de 1943 para realizarem trabalhos ligados ao serviço especial e migração.

Em julho de 1943 Pierre Chabloz foi desligado das atividades do SEMTA e Regina saiu da direção do Núcleo de Famílias do Porangabussu, entre outras coisas, ela era responsável por encaminhar as cartas entre os nucleados e os soldados da borracha. O SEMTA tinha jurisdição de Fortaleza até Belém e dentro desta área de atuação possuía um serviço próprio de correspondência. Era Regina quem recolhia as correspondências do núcleo e as mandava via aérea para o escritório do SEMTA em Belém, bem como recebia as cartas que chegavam de Belém para as famílias do núcleo.

Para além das fontes oficiais produzidas pelo Estado, a interpretação dos movimentos migratórios pode ser conduzida por documentos deixados pelos próprios imigrantes ou pelas famílias destes. De acordo com Holanda:

recorrendo a documentos deixados pelos próprios migrantes – depoimentos, memórias, cartas, - podemos analisar em que condições ocorreram, histórica e culturalmente os processos de aliciamento, recrutamento, partida desses imigrante; como percebem o ultrapassar de fronteiras culturais e o fazer-se imigrante com formas próprias de sociabilidade. (HOLANDA, 2005, p. 118)

Entretanto, o foco desta pesquisa não será a figura do migrante saído do Sertão rumo às terras desconhecidas do “Norte”. No decorrer de seu desenvolvimento, buscar-se-á agregar elementos ao debate em torno do dinâmico quadro social estabelecido entre as famílias que permaneceram no Ceará, mais precisamente no Núcleo de famílias do Porangabussu, enquanto os trabalhadores recrutados partiam para o “desconhecido”.

O núcleo de Famílias do Porangabussu

Jean-Pierre Chabloz, pintor suíço, era o cartunista responsável pela divulgação da campanha da Borracha. Em 1940, por causa da guerra, transfere-se para o Rio de Janeiro com a família e em 1943 começa a trabalhar para o SEMTA. Sua esposa, Regina Chabloz, foi a diretora do Núcleo de famílias de trabalhadores recrutados no Ceará e uma das atribuições dos serviços a cargo da direção de núcleo era que: O serviço social dos núcleos providenciará a permanente comunicação dos trabalhadores da Amazônia com suas famílias localizadas nos núcleos.²

A esposa de Pierre Chabloz era professora no Rio de Janeiro, no início dos anos 40. Quando seu marido passou a ser responsável pela produção do material de propaganda do SEMTA, ambos se mudaram para Fortaleza. Ela era a responsável por essa comunicação entre os soldados da borracha e suas famílias. O SEMTA contava com um serviço próprio de correspondência entre o Ceará e o escritório localizado em Belém, Regina coletava as cartas escritas e as mandava de avião até lá. Em Belém as

² O Contrato de “encaminhamento” dos trabalhadores garantia a assistência às famílias e a comunicação era feita por um serviço de correspondência especial

cartas passavam a ser responsabilidade da Superintendência do Abastecimento do Vale Amazônico – SAVA, que as distribuía nos seringais.

Regina Chabloz foi desligada do Serviço Especial de Migração dos Trabalhadores para a Amazônia de forma inesperada³ e segundo ela, por esse motivo algumas cartas jamais chegaram aos seus destinatários. Como Regina era a responsável por encaminhar as correspondências, depois de sua saída repentina, as cartas que ainda não haviam sido enviadas para o escritório em Belém ficaram em suas mãos. Por isso, alega D. Regina Chabloz, cartas escritas por mulheres do Núcleo de Famílias o Porangabussu podem ser encontradas no acervo de Pierre Chabloz. Entretanto, não se pode descartar a hipótese de muitas cartas não terem sido enviadas por causa do seu conteúdo, em muitas delas podemos perceber inúmeras críticas as condições de trabalho e sobrevivência no núcleo bem diferente do que era noticiado nos jornais.

Os trabalhadores tinham a opção de escolher diferentes formas de assistência a sua família. Um carimbo na margem esquerda do contrato de encaminhamento ou o regulamento do SEMTA identificava o tipo de proteção pela qual cada trabalhador tinha optado. Poderia ser uma assistência que teria duração no período de vigência do contrato, a qual seria descontada mensalmente do salário do soldado. Os dependentes e mulheres também tinham o direito de ficar sob a responsabilidade do próprio trabalhador: nesse caso, as mulheres e crianças moravam em palhoças rústicas e dormiam em redes.

Uma questão interessante que pode ser levantada em torno disso é o fato de nos documentos oficiais que regulamentavam a migração para a Amazônia estar colocado que apenas homens solteiros seriam recrutados. Porém, tanto pela presença no contrato de uma cláusula sobre a assistência às famílias, como pelo estabelecimento de um núcleo de famílias e, principalmente, pela maioria das cartas as presentes no acervo do MAUC serem escritas por esposas em busca de notícias de seus maridos, fica claro que no contingente dos migrantes não havia apenas homens solteiros, e mais, o próprio Estado legitimava a presença de homens casados quando no contrato “assegurava” assistência às famílias.

³ Regina Chabloz em entrevista concedida ao pesquisador Edson Holando afirma que um belo dia ela e o marido foram convidados a se desligarem do SEMTA.

Entre os materiais pertencentes ao corpus documental, depositado no Museu de Arte da Universidade do Ceará, encontramos um conjunto de cartas escritas pelos soldados e por suas esposas. As cartas dos maridos foram enviadas de diferentes pontos da Amazônia e chegaram, mais precisamente, ao destino de Regina Frota Chabloz, porque estavam endereçadas a ela. Antes de partir, esses maridos tinham combinado de confiar a ela as cartas. Já as cartas das mulheres não chegaram ao destino. Acredita-se que nunca foram enviadas por causa do conteúdo delas. O tom das cartas dá um indício forte sobre os motivos de sua “retenção”. Mas também podemos salientar a dificuldade de se conseguir o endereço para enviá-las e ainda o desligamento repentino de D. Regina da direção do núcleo.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, as principais fontes utilizadas foram as cartas escritas pelas mulheres do núcleo. Para além das angústias, saudades e desejos que na maioria das vezes não chegavam ao destino esperado, pode-se apreender a construção de uma imagem do núcleo a partir da visão de suas moradoras. Uma discussão ainda bastante inicial, mas que se revela bastante fértil para inúmeros debates.

O pintor suíço deixou um acervo documental vasto que pode ser encontrado no Museu de Arte da UFC (Mauc). Além de diários e cartazes produzidos por ele, encontram-se diversas cartas, algumas trocadas entre as famílias do núcleo e os soldados da borracha, outras ainda à espera de respostas.

algumas dessas dimensões ligadas à sensibilidade não são mensuráveis, podendo ser entretanto apreendidas através de fontes infelizmente escassas como a correspondência entre imigrantes e seus familiares no país de origem ou o depoimento de velhos. (FAUSTO, 1993, p. 241).

Sem dúvida, as possibilidades de interpretação desse tipo de fonte são enormes, para Boris Fausto, não mensuráveis. Por isso, a dificuldade de se trabalhar com ela. Mesmo assim, esta pesquisa busca problematizar as relações estabelecidas dentro do núcleo a partir das experiências, memórias e outros vestígios percebidos a partir da análise destas cartas.

Fumar e chorar são meus únicos consolos... As cartas

As categorias desses arquivos que os historiadores sempre sonham em revelar, como que para melhor assentar sua legitimidade de “pesquisador” (o “pesquisador” torna-se então um “descobridor”, ou melhor, um “explorador” no sentido arqueológico do termo), são numerosas: correspondências, diários íntimos, cadernetas e agendas, dossiês de trabalho e dossiês de imprensa, notas de toda espécie etc.. (PROCHASSON, 1998, p. 107)

Para o embasamento teórico no trato com as fontes aqui ressaltadas, as cartas, apóio-me nas discussões sobre os documentos pessoais, da Professora Ângela de Castro Gomes, que afirma que a descoberta destes documentos pelos historiadores em geral está, por conseguinte, associada a uma significativa transformação do campo historiográfico, onde emergem novos objetos e fontes para a pesquisa, incorporando novas metodologias.

A carta, muitas vezes, é produzida com a marca da personalidade e não está destinada necessariamente ao espaço público, ela revelaria seu produtor de forma verdadeira, nela ele se mostraria de fato, o que seria atestado pela espontaneidade e pela intimidade que marcam boa parte dos registros.

Nesse sentido, os documentos pessoais permitem uma espécie de contato muito próximo com os sujeitos da história que pesquisamos. Neles nossos atores aparecem de forma fantasticamente real. Nós, historiadores, podemos passar a conhecê-los na intimidade de seus sentimentos e nos surpreendemos a dialogar com eles e até a imaginar pensamentos.

Estas fontes não podem ser desconsideradas, mas exatamente refletidas e problematizadas, sendo associadas a outros tipos de documentação e sofrendo o crivo de um rigoroso tratamento teórico-metodológico. Nisso os documentos pessoais em nada diferem de todos os demais documentos históricos. Devem passar pelo trato do historiados e não podem ser retiradas de suas realidades históricas.

Com relação às cartas presentes no Acervo dos Chabloz ficam alguns questionamentos, provavelmente essas mulheres do núcleo eram analfabetas, então quem escrevia as cartas presentes nos acervos? Pode-se observar que existem grafias

diferentes e marcas da oralidade nas cartas. Se escritas por Regina, professora, ou por D. Ivete, esposa do médico do Núcleo, por que estas mantêm os traços da fala na escrita? E por que escrevem as críticas que eram feitas a elas próprias? Vale ressaltar que estas cartas nunca foram enviadas. Elas também poderiam ter sido escritas por alguma nucleada que não fosse analfabata.

Outra questão importante é que estas cartas não configuram um acervo privado, pois estão presentes em acervos públicos juntamente com outros documentos. Mas ainda sim possuem uma marca pessoal, visto que não foram escritas para serem divulgadas. Nas cartas escritas pelas esposas aos maridos geralmente aparecem duras críticas a condição que estão vivendo para fazer pressão para que seus maridos ou retornem ou mandem lhes buscar o mais rápido possível.

As cartas sem dúvida auxiliam desvendar os múltiplos fios que ligam um indivíduo ao seu contexto. De acordo com Shimidt:

hoje um número significativo de historiadores procura pensar a articulação entre as trajetórias individuais examinadas e os contextos nos quais estas se realizaram como uma via de mão dupla, sem cair nem no individualismo exacerbado (como nas biografias tradicionais, do tipo “a vida dos grandes vultos”), nem na determinação estrutural estrita (como nas análises marxistas ortodoxas). (SHIMIDT, 1997, p. 12)

Para a Professora Cacilda da Silva Machado, revisitar temas já tradicionais na historiografia – imigração e família – revela a infinidades de ferramentas metodológicas que o historiador pode criar para realizar novas aproximações com o passado. Tanto os soldados quanto os nucleados são privados de suas práticas sociais junto à família. Ao entrar no alojamento, o migrante deixa de lado suas roupas e objetos pessoais, a eles eram entregues objetos e roupas iguais, é adotado um padrão. Suas famílias ficam no núcleo e essa estadia tem um caráter provisório, elas estão esperando o momento em que também irão para a Amazônia.

Em seu livro *Vai e Vem, Vira e Volta: As rotas dos soldados da Borracha*, Lúcia Arraes Morales, publicita algumas entrevistas que realizou para o andamento de suas pesquisas nos anos 1990. A maioria das entrevistas é com homens que eram soldados da borracha, mas há uma entrevista com D. Madalena, natural de Ibicuíã, que migrou para

Fortaleza em 1943, quando seu irmão mais velho se alistou no SEMTA. Ela, a mãe e os irmãos ficaram no núcleo de famílias do Porangabussu, segundo D. Margarida:

Nós ficuemo em Porangabussu onde nós tirava todo mês aquela mercadoria de feijão, arroz, farinha, tempero... Tudinho era ele [o irmão] que ficou auxiliando nós. Aí, minha filha, que quando passou-se esse tempo, encerrou tudo... Ficaram cada família se arranjando sozinha, indo atrás de se manter. Eles [os migrantes] não soltaram mais dinheiro. Os encarregado daqui não ficaram mais pedindo os dinheiro deles de lá para cá. Ah! Minha filha, foi horrível! Já pensou a gente não ter para onde ir, o que comer nessa Fortaleza de meu Deus! [...]

(MORALES, 2002, p. 213)

Ao se interpretar essas correspondências buscam-se questionamentos acerca do cotidiano dessas famílias e das várias histórias que podem nelas serem contadas. Em carta escrita ao marido a Senhora Áurea Lacerda Feitoza pedia:

João José mande nos buscar para nós ir se você não mandar José ver eu sahir de que nem que seja para o meio da rua porque eu nunca levei discomposta de ninguém para hoje eu levar meus filhos a ti a panhado já fourâm eu não posso mais agüentar vivo com a minha cabeça doida de imaginar o que me faz com migo eu so posso ter disgosto na vida ate historia elles contam a D. Regina quando ella chega couzas que nunca foi passado.

Áurea Lacerda Feitoza⁴

Por que esta mulher desejava tão insistentemente ir embora do núcleo? Quais seriam os maus tratos sofridos por seus filhos? Em muitas cartas, além do desejo por notícias de seus maridos, está presente essa insatisfação com relação à disciplina do núcleo. Foi na intenção de buscar respostas a estes e outros questionamentos presentes nas cartas estudadas que este trabalho foi pensado, a partir da valorização do indivíduo na história.

Outro problema bastante recorrente nas cartas é o choque moral entre as mulheres cearenses e as mulheres que exerciam funções dentro do núcleo. D. Ivete, esposa do doutor Pinto, médico do núcleo, era acusada de perseguir as fumantes com a justificativa de que fumar o tempo inteiro não era uma atitude para mulheres distintas.

⁴ Acervo do Museu de Arte da UFC (Mauc).

Elcídia Galvão queixa-se em carta ao marido afirmando que “Já botaram inquisição por causa do fumo”, e continua, dizendo preferir ser “enxotada” a abrir mão do cigarro – pois fumar e chorar eram seus únicos consolos⁵.

O programa para assistência à família de trabalhadores mobilizados garantia que em cada núcleo seria organizado o trabalho para todos os considerados válidos pelo serviço médico do núcleo na idade de trabalhar, de acordo com a legislação trabalhista. Mas, o que se percebe nas cartas são as constantes reclamações acerca dos trabalhos desgastantes. Em carta escrita ao seu marido, que não manda notícias mais de mês, D. Rosalinda denuncia que era obrigada a fazer “trabalhos de homem”. É claro que, além de demonstrar suas saudades, essas mulheres querem reencontrar seus maridos e filhos o mais rápido possível.

Em outra carta Elcídia Galvão ameaça que se seu esposo, Cursinho, não tomar as providências para mandar buscá-la, ela vai tomar as precedências dela, e continua afirmando “*quando você menos espera eu chego como aflagelada ai no Pará*”. Mas Elcídia também deixa clara a saudade do marido e assina a carta com os dizeres, “dispensas a minha fraqueza. Tua triste e sem sorte esposa.”

Quantas noites quantos dias o meu coração invadido de uma infindas saudades e muitas vezes deraman-se dos meus olhos lagrimas por esta tua ausência pór tão longos tempos, sempre vejo-te em sonho, mais tão diferente comigo, sonho realizando o que mais desejo, compreende?⁶

Nesse trecho há um forte conteúdo erótico. Elcídia Galvão ameaça o marido de fugir do núcleo, cobra notícias de Cursinho, mas também demonstra sua enorme saudade. Há também as cartas escritas pelos soldados endereçadas para a própria Regina Chabloz e não para a sua família, pedindo que ela cuidasse de seus parentes. Estas cartas demonstram uma relação de confiança estabelecida com a diretora do núcleo.

Venho com esta ainda uma vez recomendar aminha filinha Macleta, seio que ela estar bem colocada e tem todos os confortos necessários, mais a senhora bem sabe que também é mãe e espoza, que faltando o conforto de mãe e do espozo faltando, confio que a D. Regina há de substituir mãe e espozo para a minha filinha. Sem esquecer-me de avisar para a senhora que acho que ela estar

⁵ Acervo do Museu de Artes da UFC (Mauc)

⁶ Acervo do Museu de Artes da UFC (Mauc)

grávida, peço a senhora isso direitinho e mandar me dizer D. Regina chegando aqui e falando nos confortos do Núcleo e a vantagem que encontrei para as famílias um outro genro meu ficou com muita vontade de ir, portanto peço a senhora me informar se ele chegando ahi é fácil colocar e alistar-se logo para ir a Amazônia e puderar deixar ahi família sendo a minha filha com duas filhas. Sem mais recomende-me a todos dahi do núcleo e agradeço.

Nuca Cassundé⁷

Nuca Cassundé pede que D. Regina substitua a mãe e o próprio esposo e que cuide da sua filha caso ela esteja grávida. É importante ressaltar que em algumas fotos do Núcleo de Famílias aparecem várias mulheres grávidas ou com crianças no colo. Enquanto nas cartas escritas pelas nucleadas o que vemos são duras críticas as condições de vida no núcleo, nas cartas dos imigrantes há uma esperança firme que suas famílias serão bem cuidadas pela própria diretora do Núcleo. Além de uma propaganda dele, já que “falando dos confortos do núcleo” Nuca consegue convencer seu genro a também deixar sua família lá. Poderia haver um choque entre as intenções pessoais destas cartas, os soldados precisavam acreditar que suas famílias estavam bem e que não haviam virado “flagelados” e as famílias precisavam convencer os soldados que não, para que fossem logo “resgatadas” do núcleo.

A leitura das cartas produzidas pelas mulheres do Núcleo de Famílias do Porangabussu pode nos dar pistas do contexto em que estas mulheres estão inseridas, dos conflitos cotidianos por elas vivenciados, das relações estabelecidas entre elas. Estas mulheres que lá viveram também estavam inseridas numa política mais ampla de povoamento da Amazônia e de extração da borracha. Elas também encontravam estratégias de resistência e se configuravam como sujeitos da história.

Bibliografia

BARBOZA, Edson Holanda. **Ida ao inferno Verde: Experiências da migração de trabalhadores do ceará para a Amazônia (1942/1945)**. Dissertação do programa de pós graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Estado Novo: Novas Histórias**. IN: FREITAS, Marcos Cezar de (Org). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.

⁷ Acervo particular Regina Chabloz. Carta assinada por Nuca Cassundé, Senador Pompeu, Rua 10 de novembro n° 32 (sem data)

- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Imprensa e História do Brasil**. São Paulo: Contexto, 1988.
- CHABLOZ, Jean-Pierre. **Revelações do Ceará**. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 1993.
- FAUSTO, Boris. **Um balanço de imigração para o Estado de São Paulo**. Estudos migratórios. Buenos Aires: n:25, 1993.
- GONSALVES, Adelaide; COSTA, Pedro Eymar Barbosa. (Org.) **Mais Borracha para a vitória**. Fortaleza: MAUC/NUDOC; Brasília: Ideal Gráfica, 2008.
- GOMES, Ângela de Castro. **Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos Privados**. In: Revista Estudos Históricos: Arquivos pessoais. N. 21, 1998.
- HEYMANN, Luciana Quillet. **Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller**. In: Revista Estudos Históricos: Indivíduo, biografia, história. N. 19, 1997
- MACHADO, Cacilda das Silva. **A família e o impacto da imigração**. P. 99 IN : Revista brasileira de História. Dossiê: Travessia: migrações. V. 17, n. 34. São Paulo, ANPUH, 1997.
- MORALES, Lúcia Arraes. **Vai e Vem, Vira e Volta: as rotas dos soldados da borracha**. São Paulo: Annalumbre; Fortaleza: Secult, 2002
- NEVES, Frederico de Castro. **A multidão e a história: saques e outras ações de massa no Ceará**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria de Cultura e Desporto, 2000.
- PROCHASSON, Christophe. **Atenção: Verdade! Arquivos privados e renovação das práticas historiográficas**. In: Revista Estudos Históricos: Arquivos pessoais. N. 21, 1998
- SHIMIDT, Benito Bisso. **Construindo biografias...Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos**. In: Revista Estudos Históricos: Indivíduo, biografia, história. N. 19, 1997